



CONDUTAS DE RISCO: UMA RESPOSTA SUBJETIVA DO ADOLESCER CONTEMPORÂNEO

Pâmela Suélli da Motta Esteves¹

RESUMO

A transição social que estamos atravessando aprofunda um momento de tensões, indeterminações e intenso de mal-estar. Nesse texto faço um convite investigativo acerca do desafio para o processo de subjetivação do sujeito adolescente na contemporaneidade. De antemão o adolescer é, aqui, compreendido como um momento de travessia marcado por tensões no desprendimento do universo familiar, na experiência de distanciamento da infância e ainda no medo das novas escolhas objetivas que assinalam as decisões subjetivas. É da nossa líquida, esmaecida, imagética e consumista sociedade pós-moderna que o adolescente retira os recursos sociais para essa travessia. Do ponto de vista metodológico, as análises apresentadas estão fundamentadas em uma abordagem interdisciplinar dos saberes psicanalítico e do saber docente, complementadas de escutas clínicas com adolescentes ao longo dos últimos dez anos. Os resultados encontrados indicam que há um adoecimento socioemocional latente que atinge subjetivamente o sujeito que adoesce no atual contexto contemporâneo. Diante desse adoecimento muitos sujeitos recorrem às consultas de riscos como estratégia de defesa e de existência.

Palavras-chave: Condutas de Risco. Adolescência. Contemporâneo.

RISK BEHAVIORS: A SUBJECTIVE RESPONSE OF CONTEMPORARY ADOLESCENTS

ABSTRACT

The social transition we are going through deepens a moment of tensions, indeterminations and intense discomfort. In this text I make an investigative invitation about the challenge for the process of subjectivation of the adolescent subject in contemporary times. Beforehand, adolescence is, here, understood as a moment of crossing marked by tensions in detachment from the family universe, in the experience of distancing from childhood and even in the fear of new object choices that signal subjective decisions. It is from our liquid, faded, imagetic and consumerist post-modern society that the teenager draws the social resources for this journey. From a methodological point of view, the analyzes presented are based on an interdisciplinary approach to psychoanalytical knowledge and teaching knowledge, complemented by clinical listening with adolescents over the last ten years. The results

¹ Doutora em Ciências Humanas e Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RJ. Professora adjunta do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - FFP/UERJ. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Comunicação em Periferias Urbanas - PPGECC - UERJ/FEB. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-9555-2099>. E-mail: pamelasme84@gmail.com

found indicate that there is a latent socio-emotional illness that subjectively affects the subject who becomes ill in the current contemporary context. Faced with this illness, many subjects resort to risk-taking as a defense and existence strategy.

Keywords: Risk Conduct. Adolescence. Contemporary.

CONDUCTAS DE RIESGO: UNA RESPUESTA SUBJETIVA DE LOS ADOLESCENTES CONTEMPORÁNEOS

RESUMEN

La transición social que atravesamos profundiza un momento de tensiones, indeterminaciones e intenso malestar. En este texto hago una invitación investigativa sobre el desafío para el proceso de subjetivación del sujeto adolescente en la contemporaneidad. De antemano, la adolescencia es, aquí, entendida como un momento de cruce marcado por tensiones en el desapego del universo familiar, en la experiencia de alejamiento de la infancia e incluso en el miedo a nuevas elecciones de objeto que señalan decisiones subjetivas. Es de nuestra sociedad posmoderna líquida, marchita, imagética y consumista que el adolescente saca los recursos sociales para esta travesía. Desde un punto de vista metodológico, los análisis presentados se basan en un abordaje interdisciplinario del saber psicoanalítico y del saber didáctico, complementado con la escucha clínica con adolescentes en los últimos diez años. Los resultados encontrados indican que existe una enfermedad socioemocional latente que afecta subjetivamente al sujeto que enferma en el actual contexto contemporáneo. Ante esta enfermedad, muchos sujetos recurren a la asunción de riesgos como estrategia de defensa y de existencia.

Palabras clave: Conducta de Riesgo. Adolescencia. Contemporáneo.

Introdução

Em 1975 Hannah Arendt já anunciava os tempos sombrios que estavam por vir. Naquele contexto os horrores descobertos pelos regimes totalitários apontavam um fracasso do projeto iluminista de construção de uma sociedade livre, justa e igualitária. Na virada do século XX/XXI a globalização nos trouxe novos desafios e certas ameaças de novos tempos sombrios. No tocante às Ciências Humanas, uma das teorizações mais consistente indaga se vivemos ou não em um mundo pós-moderno? E se não vivemos, do que podemos chamar esse momento histórico tão abstruso? Entre os muitos teóricos que se debruçam sobre a pós-modernidade destacamos aqui dois importantes nomes: O sociólogo polonês Zygmunt Bauman e o crítico norte-americano Fredric Jameson

A “Modernidade líquida” é o sinônimo de uma condição pós-moderna, e pode ser diagnosticada como uma era de impulsos momentâneos, de ações em curto prazo, destituída de rotinas sustentáveis, uma era onde os indivíduos levam uma vida sem hábitos, uma existência efêmera. Bauman adverte aos habitantes do líquido mundo moderno que abandonem todas as esperanças de totalização, pois, a única certeza que há é que todos estão no mesmo barco de relações cada vez mais fluídas. Diferentemente da sociedade moderna anterior, que ele chama de “modernidade sólida”, (que também tratava sempre de desmontar a realidade herdada), a de agora não o faz com uma perspectiva de longa duração, com a intenção de torná-la melhor e novamente sólida. Tudo está agora sendo permanentemente desmontado, mas, sem perspectiva de alguma permanência. Tudo é temporário. É por isso a metáfora da “liquidez” para caracterizar o estado da sociedade pós-moderna: como os líquidos, ela caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma.

Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades “auto evidentes”. (BAUMAN, 1998). A cada ano que viramos no calendário nossas subjetividades se tornam mais fragilizadas - essa talvez seja a principal consequência do atual momento histórico em que vivemos. Indivíduos que se encontram entre a necessidade de se adequar ao acelerado ritmo destrutivo-criativo dos mercados e o medo de se tornar um sujeito desfasado, dispensável e insignificante.

Ora, a flexibilidade das relações sociais, característica fundamental de nossa época, não pode estar dissociada da prática consumista que permeia nosso comportamento sociocultural desde a década de 1950. A inovadora sociedade do consumo, que fazemos parte, está enraizada na premissa da satisfação dos desejos humanos de uma maneira tão intensa que não pode ser comparada a nenhuma outra sociedade passada. A insatisfação tornou-se uma sensação permanente de nossa época. Sem a sucessiva frustração dos desejos, a demanda pelo consumo perderia o sentido, tirando todo o gás da economia descartável que cultivamos.

Como fortalecer as subjetividades fragilizadas em uma sociedade que mercantilizou todas as esferas da vida, desde as relações de afeto até a criação de uma imensa indústria cultural?

O “homem sem vínculos” de Bauman e o “esmaecimento dos afetos” de Jameson explicitam com expressividade as subjetividades fragilizadas de nossa época e também destacam as principais características sociais do mal-estar que vivenciamos. O tempo de duração de um produto está na satisfação que esse nos oferece, sendo logo descartado e substituído por outro. É essa mesma lógica que habita os relacionamentos contemporâneos, nós mercantilizamos os nossos sentimentos e nossos desejos. Viver sem vínculos é exatamente isso, é descartar a pessoa assim que ela não mais oferece satisfação e substituí-la o mais rápido possível. Quanto mais efêmero for um relacionamento menor serão as chances de sofrer, menor será o medo e a incerteza, por outro lado, maior será o mal-estar.

Esmacer os afetos tem o mesmo sentido. Trata-se de desbotar o sentimento, tirar sua cor, sua textura, seu significado e transformá-lo em uma mercadoria a ser vendida na indústria cultural de bens simbólicos. Como uma mercadoria o afeto pode ser descartado assim que tiver totalmente esmaecido, ou seja, assim que perder seu valor para outro tipo de afeto-mercadoria esteticamente mais inovador. A cada compra de um afeto novo o sujeito se diverte e encobre a angústia através do fetiche da mercadoria. O problema se dá no momento da reflexão, quando os inúmeros afetos comprados e descartados se tornam esmaecidos e o sujeito se vê subitamente surpreendido pelo sentimento de solidão, nesse momento a angústia transborda para o corpo denunciando uma falta a ser.

Aprendemos com Freud que a energia requerida para o trabalho da civilização é basicamente Eros, portanto, extraída da sexualidade. A renúncia da energia pulsional destruída (selvagem), renúncia essa que é necessária para que haja civilização, tende a aumentar a infelicidade através de uma intensificação do sentimento de culpa, podendo levá-lo a atingir proporções difíceis de serem toleradas pelo indivíduo. Dessa forma, a questão que fica é

como os seres humanos administram/canalizam o sofrimento derivado da privação das pulsões?

Segundo Freud, nós seres humanos, descobrimos o amor sexual (formação de famílias/culturas/civilizações) e o amor inibido (formação de amizades) como fontes de prazeres intensos. Essa descoberta nos leva a perseguir e desejar esse amor, a buscar incessantemente a completude. Logo, o amor que nos leva a felicidade é um projeto imposto pelo princípio do prazer, um projeto inseguro que nos deixa vulneráveis e que pode se transformar em outras fontes de sofrimento.

Talvez, esse paradoxo tenha contribuído para o desgaste do moderno projeto iluminista e como resultado desse processo nosso atual mundo pós-moderno se apresenta permeado de subjetividades fragilizadas. Do ponto de vista dos estudos do campo psicanalítico uma indagação interessante que pode ser complementada pelos estudos da Sociologia é se o nosso mal-estar atual carrega alguma continuidade com o mal-estar apresentado de Freud? Nesse artigo entendemos que sim e não. Sim, se pensarmos que o mal-estar de Freud é estrutural, está na origem/necessidade do projeto civilizacional. Não porque, o mal-estar atual é um sintoma jamais vivenciado pelas comunidades culturais anteriores ao sistema capitalista de produção. Se na perspectiva subjetiva do sujeito freudiano a liberdade pulsional fundamentada no princípio de prazer foi negada e substituída pela administração do prazer em nome da segurança inaugurada pelo princípio da realidade, nos dias de hoje, a liberdade, a partir de uma perspectiva da subjetividade que compõem nossa sociedade, "o indivíduo já ganhou toda liberdade com que poderia sonhar e que seria razoável esperar; as instituições sociais estão mais que dispostas a deixar à iniciativa individual o cuidado com as definições e identidades, e os princípios universais contra os quais se rebelar estão em falta". (Bauman, 1998, p.64)

Contudo, quando centramos nossos esforços investigativos no sujeito adolescente, objeto de investigação desse texto, os sintomas de uma subjetividade fragilizada são ainda mais expressivos, principalmente pela nossa configuração contemporânea, onde o outro perdido, desnorreado,

descentrado (Hall, 2005), atravessado por afetos esmaecidos (Jameson, 1997), tem dificuldade em acreditar em relações duradouras e que por isso aposta na efemeridade do desejo. Numa perspectiva lacaniana, podemos considerar que esse sujeito adolescente retira seus significantes que estruturam sua cadeia de subjetivação desse Outro que é do mesmo modo subjetivamente fragilizado pelo contexto social e barrado na falta a ser de sua dimensão desejante.

Dessa forma, o problema investigado nesse texto consiste em analisar as condutas de risco acionadas pelos adolescentes diante do mal-estar contemporâneo. A fim de facilitar a compreensão dos argumentos apresentados o texto é dividido em três seções. A primeira seção apresenta os desafios e dilemas psíquicos e sociais da travessia do adolescer na sociedade contemporânea. A segunda seção aprofunda e concentra esses dilemas e desafios, circunscritos à violência psíquica constitutivamente traumática e inerente ao sujeito adolescente. A terceira e última seção problematiza as condutas de risco acionadas pelos adolescentes contemporâneos. Tais condutas são aqui analisadas como respostas subjetivas diante da angústia traumática experimentada durante a travessia do adolescer. Por fim, busca-se enfatizar a singularidade do mal-estar contemporâneo considerando-o também um elemento constitutivamente traumático da angústia do adolescer.

A travessia do adolescer na contemporaneidade esmaecida

No nosso atual mundo contemporâneo a adolescência muitas vezes rouba a cena por conta da emergência de quadros patológicos de intensa gravidade social. Assistimos atônitos muitos casos permeados de violências psíquicas que se inscrevem no corpo de um modo tão doloroso que nos falta representação simbólica para significar. Cardoso (2006) assinala que a adolescência contemporânea é marcada por uma experiência de ruptura e transformação que não cessa de nos interrogar como analistas e pesquisadores. O que nos questiona o tempo todo se inscreve na

complexidade inerente ao processo de adolecer ao qual incidem exigências de rupturas que são vivenciadas como perdas, para as quais, em diversos casos a dor psíquica emerge diante da fragilidade narcísica e da ausência de representações simbólicas sólidas que permitam a elaboração das perdas.

Mesmo compreendendo a adolescência como um momento de potenciais descobertas e construções criativas, há, ainda, o outro lado, da destrutividade, que se manifesta na insistência ao excesso e na abertura demasiada ao risco, como atos de respostas ao pulsional em ebulição diante do desamparo psíquico constitutivo do adolecer. Tudo isso exige muito esforço do aparelho psíquico, e em muitas situações o transbordamento pulsional pode se configurar numa resposta subjetiva impeditiva à ligação, à capacidade de simbolização e representação das experiências. É como nos ensinou Benjamim, as experiências quando não representadas em narrativas se tornam adereços empobrecidos, carentes de simbolização psíquica e social.

Nossa adolescência contemporânea também responde aos nossos cenários de liquidez e esmaecimento de afetos com certo empobrecimento criativo diante das demandas colocadas. Costa (2008) ressalta que os jovens do mundo globalizado não estão desorientados em significar suas experiências subjetivas, mas que o processo é ainda mais complexo e obtuso, uma vez que ser jovem se traduz em uma gramática moral do espetáculo marcada pela necessidade da exibição ao risco, ao excesso e à estética corporal permanentemente jovial que aniquilam projetos criativos e narrativas singulares. Dessa forma, a complexidade não está em não saber para onde ir, mas na construção de caminhos alternativos à superficialidade que demarca uma mercantilização da vida como um destino pulsional.

Soma-se a isso o enfraquecimento da autoridade como uma marca do adolecer contemporâneo que ainda em 1960 foi salientado por Hannah Arendt. Corroborando as descobertas de Arendt, Costa (2008) faz uma relação entre a intensificação dos fenômenos de violência na juventude e o enfraquecimento da autoridade. Para o autor quando determinadas

referenciais axiológicas são enfraquecidas o resultado é o desrespeito e a indiferença diante do outro.

Diante da impossibilidade e do risco de vulnerabilidade que caracteriza amar o próximo, nossa civilização transformou a necessidade de Eros na categoria política do respeito. Contudo, “para que haja respeito é preciso que haja idealização, ou no mínimo considerações pelos predicados morais e sociais daqueles que nos são oferecidos como modelos de vida” (Costa, 2008, p. 21). Logo, o enfraquecimento da autoridade na contemporaneidade está relacionado à perda da exemplariedade, das referências morais e institucionais que viabilizam a prática da alteridade na estruturação dos laços sociais. Nossos adultos, nossos professores, nossos políticos e nossas instituições protetoras são responsáveis em transmitir os valores que circunscrevem o respeito e a tolerância, se não o fazem, as crianças e os adolescentes são deixados à deriva do ponto de vista das identificações.

O que resta? Restam respostas subjetivas marcadas pelo risco, desamparo, desrespeitosas, violentas, desesperadas e intrinsecamente dolorosas. Nas palavras de Costa (2008, p. 22).

8

O futuro dos adolescentes não pode ser entregue a eles próprios. Eles atravessam um período na vida no qual devem ser assistidos pelos mais velhos, em especial, por aqueles que o puseram no mundo. Depositar nas mãos de garotos e garotas o fardo de decidir quais rumos morais ou sociais devem tomar, é um sintoma da imobilidade e do sentimento de superfluidade correntes nos adultos de hoje.

Quadros de referência, que afirmem o respeito como um valor e como uma atitude são fundamentais para amenizar o desamparo constitutivo e traumático que assinalam a travessia do adolescer. O que temos no nosso mundo contemporâneo é o oposto disso, fundamentalmente, quando nos voltamos para análise das instituições protetoras como a família e escola. Nossas famílias vivem também um momento de travessia transformadora em suas configurações. A figura materna que outrora exercia sua função de forma sagrada, nos dias de hoje vem se distanciando do *locus* familiar em busca de projetos existenciais singulares pautados na afirmação do gênero enquanto uma categoria política emancipatória. Do outro lado os pais não

ocuparam esse lugar da maternidade, ou seja, o nome do pai enquanto função paterna exercida no seio familiar se absteve desse posicionamento topológico. “As crianças e adolescentes receberam um golpe importante que não pode ser absolutamente subestimado. A economia dos cuidados foi então afetada de forma significativa, incidindo nas novas formas de subjetivação da juventude”. (Birman, 2006, p. 37).

Na escola o mesmo processo de desamparo é assistido. Com as transformações no universo familiar a escola passou a assumir uma contundente responsabilidade pela vida das crianças e adolescentes. Transformou-se em uma instituição de promessas nos anos 1980 e 1990, mas na virada do século as promessas ganharam um status de incertezas (Canario, 2005). Há uma crise na educação escolar e essa crise pode também ser interpretada como um excesso de funções que essa instituição se tornou responsável. A escola que cuida, ensina, educa, protege, alimenta, escuta, denuncia, defende. Crianças e adolescentes são depositados na escola e a comunidade escolar é incapaz de exercer todas essas funções que exemplificam o adoecimento contemporâneo. Tornar a educação escolar uma panaceia não resolve nossos dilemas contemporâneos, e nem tampouco substitui a carência familiar. A escola também vive o mesmo enfraquecimento da autoridade. Os docentes a muito não mais exercem a exemplariedade de outrora, foram substituídos pela indústria cultural do espetáculo e do entretenimento.

Diante dessas circunstâncias contemporâneas de transformações axiológicas, institucionais e autoridades precárias, nossas crianças e adolescentes estão deixadas à deriva. O que significa ser deixado à deriva? Nesse contexto à deriva faz metáfora para o desamparo que pode ser representado pelo sentimento de abandono (Birman, 2006). É certo que, esse abandono não é uma negligência intencional e nem tampouco um movimento consciente das famílias, das escolas e da sociedade civil em geral. O processo é muito mais intrincado, trata-se de em uma sociedade onde os adultos encontram-se também subjetivamente fragilizados, alienados na mercantilização do desejo, envolvidos na luta materialista pela sobrevivência

cotidiana, carentes de indeterminação quanto às suas próprias vontades. A carência materna não encontra suplência na presença paterna, assim como, na escola, o professor não mais representa aquela autoridade que fundamentava parte do ideal de eu dos estudantes. A economia afetiva está assentada sobre outras bases, àquelas direcionadas ao prazer efêmero, ao esmaecimento dos afetos, ao quantitativismo de experiências, ao sucesso material, ao poder do status e inescapavelmente à estética corporal perfeita.

Birman (2006) nos adverte para as consequências psíquicas e sociais para o sujeito adolescente que retira seus significantes desses Outros tão igualmente fragilizados. Tais consequências nos direcionam, enquanto sociedade e subjetividades, para a precariedade do laço social, fragilidade das subjetividades e infantilização e prolongamento do adolescer.

Nesse contexto, os jovens ficam inapelavelmente entregues a cultura da televisão, [dos jogos e das redes sociais], que acabam por ter muito mais efeito sobre eles do que os discursos escolar e parental. A exposição precoce à sexualidade e à violência se incrementa e se dissemina, provocando, em contrapartida, modalidades novas de sexuação e o engendramento da agressividade. Estas seriam, com efeito, os únicos meios que os jovens encontram para suprir a carência de cuidados e a solidão de suas existências. (Birman, 2006, p.38).

Todavia, ainda que, na maioria dos casos, os seios familiares e escolares não mais proporcionem uma rede segura de proteção e amparo às angústias do adolescer, assistimos nas primeiras décadas do século XX, um processo de alteração das temporalidades expresso na precocidade da infância e no prolongamento da adolescência. Esse processo tem raízes explicativas na ausência de garantias que marca nosso contexto líquido e esmaecido, singularmente no que tange à desigualdade social brasileira, às incertezas quanto ao futuro profissional, diante das múltiplas exigências e competitividades que restringem o mercado de trabalho a uma lógica meritocrática, imperativa e iníqua. Além dos impeditivos socioeconômicos, a clínica da adolescência contemporânea nos demonstra amplos casos de fragilidades egóicas, narcisismos esburacados por ligações violentas, uma intensa recusa à alteridade, ampla variedade de situações de inanição, além das manifestações patológicas dos estados-limites e das passagens ao ato.

Vivemos um entrelaçamento desse caótico cenário social (o estatuto de ser adolescente é tributário do olhar social) e psíquico, onde “identidade e identificações são postas em jogo novamente, com o jovem sujeito procurando manter sua identidade e, ao mesmo tempo, exercer um remanejamento identificatório. O trabalho psíquico necessário implica uma importante pressão narcísica” (Emmanuelli, 2006, p. 24). Essa pressão narcísica que o adolescente vivencia é em grande parte depositária das transformações corporais da puberdade que colocam em suspenso os limites do corpo orgânico e produzem um certo estranhamento diante das modificações sensoriais, sexuais e biológicas que são impostas ao psiquismo. Tudo isso aciona no sujeito adolescente um sentimento de indeterminação acerca da continuidade de si mesmo. É justamente essa indeterminação que exige do psiquismo um árduo e por vezes traumático trabalho de integração narcísica, buscando um eu ideal que proporcione um reajustamento da imagem constituída até então ao corpo modificado.

Após contextualizar e refletir sobre alguns elementos que singularizam a adolescência no contemporâneo, nosso percurso segue investigando de modo mais profundo a violência psíquica constitutiva da travessia do adolecer.

A violência psíquica que se instaura na travessia da adolescência

Adolescer, como vimos, é um processo que exige do sujeito fazer a transição da infância para vida adulta. Aqui, entendemos essa transição como uma “situação fronteira”, o que significa refletir a adolescência momento de contorno, ou seja, como um espaço precariamente dividido entre uma dimensão interna e outra dimensão externa. Cada um desses espaços é demarcado por limites pouco precisos, o que os torna fronteiras ambivalentes, circunscritas à complexa relação entre o corpo e o psiquismo e as relações entre o eu e o outro.

Dessa forma, a violência psíquica que acomete o adolecer se apresenta como uma agressão tanto narcísica quanto alteritária, na medida

em que o sujeito adolescente se vê diante de representações infantis insuficientes para satisfazer e simbolizar as irrupções pulsionais eróticas da puberdade. “O adolescente, quando ultrapassado pela intensidade das suas próprias sensações, corre o risco de perder a capacidade de se distinguir do outro, de diferenciar o dentro e o fora. Isso se estende ao registro interno, nível das relações entre as diferentes instâncias psíquicas e das fronteiras egóicas” (Cardoso, 2011).

O adolescente assiste às transformações impostas ao seu corpo e ao seu psiquismo como um estrangeiro que não sabe para onde está indo e o que irá encontrar. Suas representações psíquicas ainda estão presas à infância, à proteção familiar, à dependência de que o outro resolva os problemas e o proteja de tudo de ruim que possa acontecer. Por isso a dimensão traumática é inerente à travessia do adolescer que inaugura um S, entre o esforço de preservar suas precárias bases narcísicas diante do pulsional latente o desejo de ser reconhecido pelo outro, e ainda, a necessidade de conhecer o desejo do outro para então ser aceito, e deixar de ser estrangeiro.

Todo esse trabalho exige grande esforço do aparelho psíquico para equilibrar as forças pulsionais irruptivas e as defesas egóicas que o sujeito dispõe. O psiquismo é imerso em um conflito que irá consolidar a subjetividade. Esse conflito envolve, além do caráter fronteiro inerente à travessia do adolescer, a elaboração das escolhas e renúncias que apontam para perdas e lutos derivados destas, a impotente passividade diante de todo o processo e a limitação dos mecanismos de defesa disponíveis, que em muitos casos direcionam respostas subjetivas marcadas pela violência psíquica.

A situação fronteira na qual se encontra o sujeito adolescente consiste em uma experiência ambivalente de proteger a constituição narcísica iniciada na infância, e ao mesmo tempo, ser invadido pelas demandas alteritárias de constituição de laços sociais que possibilitem novas configurações objetais desejantes. Logo, a fronteira é um lugar de proteção e

aventura; de dependência e autonomia; de desamparo e criação; dos frágeis limites entre o dentro (psiquismo e o EU) e o fora (corpo e a alteridade).

O que está em jogo para o sujeito adolescente é como ultrapassar a fronteira e chegar à vida adulta. Não há respostas prontas a serem seguidas, pois a subjetividade é um processo de construção singular que envolve o psíquico e o social. Um dos elementos constitutivamente traumático que circunscreve essa fronteira é a angústia de separação que é compreendida como ameaça de perda dos objetos de amor que estruturam o psiquismo desse sujeito. Para além do medo de perder o afeto dos pais levando a desintegração do triângulo edípico, há, ainda, a ameaça de perda das memórias infantis, dos brinquedos, dos jogos, da tia da escola, dos passeios lúdicos, da potencialidade imaginativa e de tudo aquilo que foi constitutivo até então, fundamentalmente do corpo não hormonizado pelas pulsões pubertárias.

Porém, mesmo que comporte uma face potencialmente traumática, a separação tem caráter estruturante. É a singularidade da história psíquica de cada sujeito e de suas vicissitudes que revelará, a posteriori, as aberturas e impasses desse processo de elaboração de perdas e rupturas, inevitáveis na adolescência. Nelas confluem aspectos narcísicos e objetais, na confluência também do mesmo e do diferente e, de modo complementar, do íntimo (familiar) e do estrangeiro. No interior do sujeito adolescente há intensa confusão entre separação e perda. E isso tampouco pode ser desvinculado da reviravolta que a puberdade inaugura, no plano da sexualidade, nesse corpo já desde sempre ocupado e desviado pela emergência da pulsão, motor da vida subjetiva. (Cardoso, 2011, p.65)

13

Na literatura contemporânea podemos encontrar a fronteira traumática que marca o adolecer em dois personagens apaixonantes. A jovem Lily² de Mário Vargas Lhosa e o jovem³ Törless de Robert Musil. Em ambos os personagens encontramos uma metáfora que simboliza o adolescente como um sujeito carregando um escudo para se proteger das irrupções pulsionais pubertárias e da invasão das demandas sociais. Essa dupla

² Romance de Mário Vargas Lhosa, que conta a história de Lily, uma jovem inconformista, aventureira e pragmática que é surpreendida por relações sociais inesperadas.

³ Romance de cunho filosófico de Robert Musil que narra a história da formação de um adolescente num internato no Império Austro-Húngaro. Lá, Törless têm experiências opostas sobre a amizade, num arco que vai da ternura à violência, prenúncio dos Estados totalitários que surgiram na Europa após a Primeira Guerra.

experiência de proteção é vivenciada de modo traumático, e em muitos casos pode produzir angústias insuportáveis, como a dificuldade de Lily diante do real do sexo que a obriga a se separar da infância e a transforma em uma menina má. O mesmo ocorre com jovem Törless, nas diversas agressões aceitas passivamente na tentativa de ser reconhecido pelo grupo.

O que o adolescente não consegue simbolizar devidas suas insuficientes representações é o caráter estruturante da separação. Na verdade, o que ocorre é o oposto, o sujeito adolescente “revive a retomada violenta da angústia arcaica de separação” (Klyer e Cardoso, 2020, p. 66). A experiência inicial de desamparo originário é retomada e com ela ocorre o retorno do recalado edípico e sua ressignificação. O adolescente revive a ausência da pessoa amada como ameaça de perda de objeto no processo de separação das múltiplas rupturas que incidem sobre si.

Todavia, o potencial estruturante e criativo da separação aponta para um desejo, ainda que inconsciente, de se separar. Por mais paradoxal que pareça, são os limites entre o medo/desejo de separação que conduzem o sujeito adolescente a reviver o desamparo infantil e ao mesmo tempo ressignificar o amor edípico. Por que o adolescente vive esse processo de modo conflituoso, traumático e angustiante? Por que podemos compreender a angústia de separação como uma violência psíquica?

O que torna a separação algo angustiante e insuportável não é somente a ameaça de perda dos objetos da infância. Há uma espécie de risco que se configura no medo da impossibilidade de concretização da separação. O sujeito adolescente teme permanecer na alienação e esse temor está diretamente relacionado ao retorno do recalado edípico que pode “restabelecer um elo perigoso, incestuoso” (Klyer e Cardoso, 2020, p. 67). O risco está em uma resposta alienante diante da angústia de separação, o que significaria uma servidão ao outro, uma subjetividade marcada pela passividade, colada no *amoródio* incestuoso, e por esse motivo incapaz de desejar novas configurações objetais.

Dito de outra maneira, a ausência da mãe traz a angústia de desamparo, mas sua presença excessiva dificulta o processo de separação,

podendo, assim, contribuir para que a alienação provoque uma angústia de dominação e invasão das fantasias eróticas incestuosas edípicas que são resgatadas na adolescência. O que essa perspectiva nos mostra é que o ego do sujeito adolescente encontra-se em um conflito fronteiriço, marcado pela ambivalência de duas intensas angústias: separar-se do objeto e se sentir desamparado, estrangeiro e até mesmo desaparecendo de si como investiga Le Breton (2012), ou não se separa e ser invadido “por fantasias incestuosas que atacam o ego de dentro sem encontrar fora as vias de uma possível satisfação” (André, 2004, p.79).

Nesse sentido o processo de separação exige, do sujeito adolescente, um trabalho de luto. É preciso elaborar as novas transformações concomitantemente ao abandono da vida infantil. Essa complexa tarefa estabelece que as experiências libidinais infantis só serão abandonadas se o adolescente conseguir reinvesti-las em novas relações. Freud nos ensinou que na dissolução do complexo de Édipo, a constituição egóica se direciona para novos investimentos objetais para os quais a pulsão conduzirá a libido em busca de satisfação. O adolescente vivencia a separação dos pais e da vida infantil como uma perda que provoca muitas angústias, singularmente processos depressivos que marcam o contemporâneo.

O problema da separação, da perda do objeto, se encontra no âmago da experiência da adolescência, implicando diferentes aspectos que tocam, muitos deles, na dialética do dentro e do fora e na intricação e articulação entre um registro mais arcaico e um registro edípiano. O adolescente tem que fazer o luto dos pais edípicos: precisa se separar, se destacar desses objetos que fazem parte do "passado", processo sempre custoso em razão do ruidoso retorno das fantasias infantis recalçadas que necessariamente fazem parte de sua experiência subjetiva (Cardoso, 2011, p.26).

Dessa forma, no processo de separação as exigências ao psiquismo do sujeito adolescente apontam para três grandes conflitos situados em fronteiras imprecisas: a dimensão do novo corpo sexuado diante das insuficientes representações psíquicas; a necessidade de fazer o luto da separação parental, que resgata a angústia de desamparo e fere a frágil constituição

narcísica, e as demandas pulsionais por novos investimentos libidinais como mecanismo de abertura alteritária, finalizando, assim, o trabalho de luto.

Diante de todas as fragilidades inerentes à travessia do adolescer que destacamos até aqui, nos interessa refletir sobre como os adolescentes contemporâneos respondem a esses conflitos, que exigem tantos remanejamentos do psiquismo e que correspondem às experiências constitutivamente traumáticas?

As condutas de risco que marcam a subjetividade do sujeito adolescente

Vimos que a violência psíquica que caracteriza a adolescência pode ser compreendida, entre outras variáveis, como resultante da irrupção pulsional excessiva da puberdade. Diante de tal emergência pulsional o psiquismo responde com suas defesas sempre muito precárias e carentes de representação das novas experiências avultadas. O ego é, então, traumatizado, e trabalha muito arriscando dar conta da invasão avassaladora de experiências desconhecidas e irrepresentáveis. “Um dos eixos essenciais da noção de trauma em Psicanálise diz respeito justamente à relação entre excesso pulsional e capacidade representacional, relação que traz, em sua raiz, a polaridade de atividade e passividade no âmbito da vida psíquica” (Cardoso, 2011, p. 27).

Assim sendo, nos interessa refletir sobre as possibilidades de defesa do ego, ou seja, quais são as respostas subjetivas que os adolescentes conseguem elaborar diante das experiências traumáticas que marcam o adolescer. O que escutamos na clínica contemporânea e que é corroborado pelas pesquisas em instituições escolares, fundamentalmente na Educação, são respostas que denunciam às angústias e sofrimentos muitas vezes negligenciados pela comunidade social.

O sofrimento de um adolescente é como um abismo, sem comparação com o de um adulto que tem experiência suficiente para relativizar as provações encontradas, sabendo que o tempo diminui sua intensidade. Ele está frequentemente à flor da pele e suas reações são sem meias-medidas e sem recuos. Um conflito com seus pais ou amigos, uma ruptura amorosa, uma decepção, tem para ele

contornos de um drama sem tamanho. Frequentemente os adultos evocam a 'futilidade' dos 'motivos' que levam, por exemplo, a uma tentativa de suicídio. Isso configura uma forma de adulto-centrismo, que falha na compreensão da subjetividade do jovem (Le Breton, 2012, p.178).

Os adolescentes respondem ao traumático através de uma multiplicidade de formas de agir e também de recusa ao agir. Muitos caminhos defensivos convocam o corpo como objeto de sacrifício e anteparo à angústia. A recusa à alteridade sinalizada por atitudes de inação também aponta para um recurso de defesa, além das situações de violência atuada nos casos de atos patológicos. O que todos esses mecanismos têm em comum é o risco que o adolescente se encontra exposto. São condutas de risco caracterizadas por uma série de respostas subjetivas que simbolizam algum tipo de perigo.

Le Breton (2012) investigou o risco deliberado como uma marca da adolescência contemporânea. As condutas de risco assinalam uma exposição deliberada do indivíduo a situações de se machucar ou morrer, de alterar seu futuro pessoal ou de colocar sua saúde em perigo: tentativas de suicídio, fugas, inconstâncias, alcoolismo, toxicomanias, transtornos alimentares, velocidade em estradas, violências, relações sexuais sem proteção entre outros comportamentos deliberadamente arriscados.

Se colocar em risco é uma forma de atuar, um agir que nos possibilita pensar a atuação como uma tentativa de escapar da impotência, da dificuldade de se pensar a si próprio, ainda que, na maioria das vezes, as consequências sejam perigosas. Nessas formas de atuar mediadas pelo risco, o corpo substitui a linguagem e comunica o indizível que caracteriza o sofrimento de angústia. Nas meninas, as condutas de risco denunciam dores silenciadas relacionadas à insatisfação corporal, relações sexuais desenfreadas e submetidas ao abuso, escarificações, tristezas e isolamentos profundos. Entre os meninos, o risco se apresenta pelo viés da agressividade, do confronto com os pais, com as leis e normas sociais. Envolvimentos em episódios de delinquência, violência, velocidade em estradas, toxicomanias,

alcoolismo, entre outras atuações fundamentadas em um viver na fronteira do perigo.

As condutas de risco são defesas egóicas do psiquismo traumatizado. São respostas subjetivas afirmadas por adolescentes de todas as classes sociais, independente do gênero, da sexualidade ou de pertencimentos religiosos. Essas experiências, ainda que deliberadamente perigosas, satisfazem, sempre parcialmente, as pulsões avassaladoras que emergem na puberdade e que exigem do psiquismo um entendimento para o qual não há ainda simbologias. Se arriscar é uma forma de representar a fronteira traumática do adolecer, pois o risco “corresponde à necessidade interior de se transformar e de renascer sob uma nova versão de si, melhorada, depois de ter olhado, real e simbolicamente, a morte de frente” (Le Breton, 2014, p,37)

O adolescente enxerga no risco o real da morte e dessa experiência retira elementos representativos para enfrentar simbolicamente a morte da infância. Trata-se de abandonar o ser infantil e de iniciar a constituição do ser adolescente. Nesse caso, o trabalho de luto é investido pelo ato de se colocar em risco, onde simular a morte através do risco se configura em uma representação simbólica para se proteger da morte real da infância (Fedida, 1998). Os riscos deliberados e intencionais constituíram a fabricação de uma dor que age minimizando momentaneamente os sofrimentos de impotência e passividade que invadem o adolescente. Fabricar essa dor significa ter algum controle, ter alguma impressão fugidia de pertencer e estar no mundo.

O risco aponta também para o ato de se colocar à prova, de se testar, de evidenciar para si e para o social a conquista de autonomia, sucesso, realização e formas de reconhecimento. Em uma perspectiva de análise lacaniana, se desafiar e conseguir escapar do risco permite roubar do gozo pulsional mesmo que na forma compulsiva de um *automaton* em busca de algum tipo de *tiquê*.

Durante estes períodos em que se escapa, espera-se a resolução das tensões como se a morte fosse uma espécie de recato no qual o sujeito se retiraria para retomar seu fôlego e esperar o fim das contusões. Suspensão de si, apagamento das circunstâncias, busca de um coma não premeditado, porém internamente desejado como

um porto, no qual se pode reconstituir-se. Morte nem brutal nem definitiva, mas reversível e maternal, lugar de consolo e conciliação das tensões, em suma, uma morte sem cadáver. A preocupação é menos a de morrer do que a de não estar mais aqui; é menos a de se matar do que a de viver, de se desfazer simplesmente do pior (Le Breton, 2012, p.38).

Dessa forma, as condutas de risco consistem muito mais em *acting out* do que em passagens ao ato. O ato é o de provocar uma dor de ameaça de perigo que retenha o sofrimento através de um apelo, de uma busca por suporte. Ao se ferir, se esfolar, se colidir com as extremidades da realidade, experimentando o corpo a corpo com a toxicomania, o alcoolismo, a anorexia, a bulimia, ou diversas outras formas de violentar-se, o adolescente assume o protagonismo do seu sofrimento, ainda que provisoriamente. Esse protagonismo não é pouco e constitui-se em um ultimado na tentativa de produzir sentido e de afirmar sua existência no mundo.

Algumas considerações inconclusivas

O percurso apresentado buscou compreender a fragilidade dos processos de construção de subjetividade dos adolescentes no atual contexto contemporâneo. Defendeu-se que a adolescência é um momento de travessia constitutivamente traumática e situada em diversas realidades fronteiriças: criança/adulto; interno/externo; renúncias obrigatórias/escolhas urgentes... Soma-se a toda essa complexidade o desafio de adolecer em uma sociedade que mercantilizou todas as formas de desejar. Diante desse cenário muitos dos nossos adolescentes se defendem de suas angústias se colocando em risco. Se arriscar para ter alguma dimensão de controle diante das intermináveis demandas por determinação.

É preciso considerar que as condutas de risco não correspondem somente à mecanismos egóicos de defesas, diante da violência psíquica instaurada na adolescência. E é nesse sentido que esse texto apresentou problematizou o mal-estar contemporâneo enauanto um sentimento progundo de insatisfação, onde nascer ou crescer não é mais suficiente para

estabelecer completamente o direito a um lugar no interior do elo social, sendo necessário conquistar o direito de existir.

Contudo, o que é possível concluir de modo inconclusivo é que as nossas sociedades estão tão adoecidas e fragilizadas quanto os nossos adolescentes. Há uma indeterminação no social, tanto nas instituições quanto nos indivíduos que sinaliza uma certa incapacidade em estabelecer suportes para que os adolescentes possam dar entrada para a vida adulta. Enquanto sociedade estamos fracassando em garantir aos sujeitos adolescentes caminhos que apontem uma finalidade da existência para além da mercantilização dos desejos e dos afetos. Esmacemos as possibilidades de construção de si, e negligenciamos os sofrimentos adolescentes e suas condutas de risco. "Se o meio social no qual vive não propicia ao jovem o reconhecimento, ele o procura por si mesmo, colocando-se em perigo. No enfrentamento da morte, ele experimenta seu próprio valor na falta de não poder vê-lo refletido nos olhos dos outros" (Le Breton, 2012, p.41).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, J. Entre angústia e desamparo. **Revista Ágora**, v.IV, n.2, jul/dez de 2004, p.95-109.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BIRMAN, J. Subjetividades contemporâneas." In: BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 171-196.

CAHN, R. **L"adolescent dans la psychanalyse**. L"aventure de la subjectivation. Paris: PUF, 1996.

CANÁRIO, R. **O que é a escola? Um "olhar" sociológico**. Porto: Porto Editora, 2005.

CARDOSO, M. R. A impossível "perda" do outro nos estados limites: explorando as noções de limite e alteridade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 325-338, dez. 2006.

CARDOSO, M. R. (Org.) **Adolescência: reflexões psicanalíticas**, Rio de Janeiro, 2011.

KLIER, Ney; CARDOSO, M. R. Um Édipo sem fronteiras: a insistência do arcaico no sex-addict. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 1, p. 111-132, jun. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 jan. 2023.

COSTA, J. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

EMMANUELLI, M. A clínica da adolescência. *In*: CARDOSO, M. R. e MARTY, F. (orgs). **Destinos da adolescência**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. pág. 29-32.

FEDIDA. **A clínica psicanalítica**. São Paulo: Escuta, 1998.

FREUD, S. **O mal-Estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. **Os caminhos da formação dos sintomas**. (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1972.

HADAD, V. G. Reflexões sobre o mal-estar na clínica contemporânea. **RedePSI**, 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10a. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JAMESON, F.. A lógica cultural do capitalismo tardio. *In*: JAMESON, F. **Pós-Modernismo**. São Paulo, Ática, 1997.p. 223-247.

JORGE, M. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 2**: A clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LE BRETON, D. O RISCO DELIBERADO: sobre o sofrimento dos adolescentes. **REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - POLÍTICA & TRABALHO**, [S. l.], n. 37, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/1484>. Acesso em: 05 jan. 2023.

LE BRETON. **Desaparecer-se de si**: uma tentação contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2014.

LACAN, J. **O Seminário**, livro 5: As formações do inconsciente. Jorge Zahar Ed, 1999.

PADILHA NETTO, N. K.; CARDOSO, M. R. Sexualidade e pulsão: conceitos indissociáveis em psicanálise?. **Psicologia em Estudo**, v. 17, n. Psicol. Estud., 2012 17(3), p. 529-537, jul. 2012.



NASIO, J. **O Olhar em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

Recebido em: 01 de março de 2023.

Aprovado em: 22 de março de 2023.

Publicado em: 10 de abril de 2023.

